

Produções multiplicadas, saberes compartilhados

LUIZ ALBERTO DE FARIAS¹

17.3 CAPÍTULO

MARQUES DE MELO, José; PAIVA, Raquel (Orgs.). **Ícones da Sociedade Midiática** – da aldeia de McLuhan ao planeta de Bill Gates. São Paulo: INTERCOM/Mauad X, 2007.189p.

A construção do saber: do indivíduo ao coletivo

A obra aqui trabalhada é reflexo da tradição da INTERCOM em multiplicar saberes. José Marques de Melo e Raquel Paiva, seus organizadores e à época presidente e diretora cultural da INTERCOM, respectivamente, apresentaram um livro em que se cruzam experiências nos diversos âmbitos da formação científica. “Ícones da sociedade midiática” traz um conjunto de textos relacionados aos prêmios vinculados aos congressos da INTERCOM.

-
1. Professor da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade de São Paulo. Editor da *Organicom Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas*. Foi presidente da ABRP e diretor da INTERCOM e da ABRAPCORP. Autor e co-autor de diversos livros no Brasil e no exterior. E-mail: lafarias@usp.br.

Dividido em duas partes, a primeira retrata o aspecto analógico de nossa sociedade (“No apogeu da sociedade analógica”) e nesse momento são trabalhados textos de autores que remontam a nomes de grandes pesquisadores e profissionais que emprestaram seus nomes aos prêmios da INTERCOM. A segunda parte (“No limiar da sociedade digital”), por seu tempo, foca de modo direto os trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Marcada por seu trabalho contínuo de catapultar talentos ao cenário intelectual brasileiro, a INTERCOM institui durante a primeira gestão (1987-1989) da então presidente Margarida M. Krohling Kunsch, prêmios que destacavam a produção em diversos âmbitos. A cada um deles foi dado nome que contemplasse uma grande personalidade das diversas áreas da Comunicação. Foram escolhidos os ícones Vera Giangrande, Lígia Averbuck, Francisco Morel e Freitas Nobre. Cada um ao seu modo contribuiu de forma inquestionável para o sucesso das profissões, carreiras e áreas de estudo que compõe a comunicação.

Ao longo de muitos anos os prêmios foram destinados a pesquisadores que, a partir de seus trabalhos de graduação, especialização, mestrado e doutorado, inscrevessem-nos nos certames. A partir de 2005, em cuja presidência da INTERCOM voltava a figurar Marques de Melo, o processo de validação dos premiados passou a ser diferente. Passou a vigorar a presença nos congressos com a apresentação de trabalhos que também fossem oriundos de pesquisas nesses mesmos níveis, mas que seriam julgados não de forma independente, mas relacionada a um processo no qual já se desenrolavam os núcleos de pesquisa (NPs).

Premiar é, como destaca Raquel Paiva, destacar o valor do trabalho:

[...] o merecedor de láurea doa algo (a demonstração de uma realização humana admirável) à comunidade e desta recebe uma recompensa, uma honraria. A troca é simbólica porque “resolve” (extermina) as pressões históricas do grupo social referentes a valor de uso de objetos e comportamentos, valor de troca de mercadorias, convenções meramente práticas, etc. O premiado é ao mesmo tempo real e imaginário, ou seja, ele existe objetivamente dentro do grupo, é um ser humano como os outros, mas habita também a esfera do que se imagina, se sonha ou se deseja (MARQUES DE MELO; PAIVA, 2007, p. 14)

Assim, a obra é reflexo de um processo de construção anterior, que é a valorização da valorização. A iniciativa de criar prêmios vai além, se torna mais um processo, porque também cria novas produções geradoras de conhecimento e de estímulo à busca do saber: multiplica-se, compartilha-se. E de acordo com Marques de Melo,

o livro pretende confrontar duas gerações de estudiosos da comunicação que trouxeram contribuições relevantes para o campo acadêmico. A intenção é balizar atitudes coletivas e inspirar agendas investigativas, ao reunir textos representativos de sua produção científica (MARQUES DE MELO; PAIVA, 2007, p. 7).

Assim foi. Duas gerações que se encontraram de forma virtual – como prometia uma das partes do livro, mas de forma analógica, materializada, como prometera a outra.

Estratégia de disseminação

A obra “Ícones da sociedade midiática” destaca as quatro modalidades assim conhecidos como Prêmios INTERCOM. O primeiro é o Prêmio Vera Giangrande, cujo destino é voltado a estudantes em nível de graduação que são apresentados anualmente durante o INTERCOM Júnior, parte integrante do Congresso INTERCOM, realizado anualmente em nível nacional e de abrangência internacional.

Vera Giangrande teve sua trajetória marcada de modo triádico: atuou fortemente como professora, profissional e membro de entidades representativas. Ainda em vida apoiou a criação de prêmio que estimulava a produção científica.

A outra premiação leva o nome de Lígia Averbuck, ligada a estudantes em nível de especialização e que participem do Altercom (Jornada de Inovação Científica e Alternativas Comunicacionais). A especialização, crescente no país nos anos 1990 e 2000, ganhou espaço como importante área de formação complementar, de apoio à qualificação acadêmica e profissional. E esse prêmio rememora uma grande pesquisadora na área de editoração em nosso país.

O Prêmio Francisco Morel está relacionado a estudantes em nível de mestrado que participem nos Núcleos de pesquisa durante o Congresso INTERCOM. Morel foi um célebre professor de publicidade e sócio-fundador da INTERCOM. Também se destacou no ambiente mercadológico como um proeminente empresário.

O quarto prêmio destacado na obra é o que leva o nome de Freitas Nobre, que se notabilizou como professor, pesquisador e jornalista, além de uma carreira pública como deputado federal. Esse prêmio é dirigido a pesquisadores no espaço do doutoramento, também a partir da apresentação de trabalhos oriundos de suas teses nos NPs da INTERCOM

Valorização e resultados

Assim como diversas obras produzidas, idealizadas ou organizadas por Marques de Melo, “Ícones” traz a sua marca: o compartilhamento do saber e a florescência de personalidades, ampliando o espectro da pesquisa em comunicação no país. Quando do início de sua carreira, nos anos 1960, Melo encontrava um terreno pouco favorável ao desenvolvimento da comunicação em todo o país. Não havia pesquisa ainda de forma organizada por meio de programas de pós-graduação, não havia reconhecimento ou identificação dessa área com a independência e relevância que se crê – e hoje tem – deva ter, e nem mesmo massa crítica de pesquisadores – ao menos organizados, conectados – para potencializar e fomentar o seu desenvolvimento.

Seu trabalho foi marcante e obteve impacto que hoje podemos sentir, com a existência de diversas sociedades científicas, vários programas de pós-graduação de excelente nível, escolas em plenas condições de formação de cientistas na área de comunicação.

Raquel Paiva, por sua vez, também tem presença marcante na história recente da INTERCOM, incentivando o desenvolvimento de atividades que ampliam a possibilidade de novos talentos se destacarem e poderem mostrar a sua produção, muitas vezes inovadoras e que geraram novos rumos para pesquisa em comunicação. Afinal, quando se lê por extenso o nome INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) pode-se dar mais valor à palavra interdisciplinar, que mescla vários sentidos e inúmeros sabores. Disciplinas tanto dentro da comunicação quanto fora dela, tanto academia e ciência como mercado e prática, ações nacionais e internacionais e especialmente o foco regional, que ganhou espaço exatamente em sintonia com a remodelação dos prêmios, no período da segunda metade da década de 2000.

Forma e conteúdo

Na primeira parte do livro Marques de Melo abre com retrospectiva e análise da presença da obra de McLuhan, resgatando, inclusive, Luiz Beltrão, responsável pela inserção da obra e da teoria mcluhaniana no Brasil, e que também deu nome ao importante Prêmio Luiz Beltrão.

Em seu resgate discorre sobre a obra de cada um dos célebre homenageados com a atribuição de nomes a prêmios: Freitas Nobre, Francisco Morel, Lúcia Averbuck e Vera Giangrande, analisando as suas trajetórias e contribuições profissionais e intelectuais ao campo da comunicação.

O livro segue com textos destacando um a um dos destaques ligados aos prêmios. Em “A conselheira que sabia ouvir” Maria Cristina Gobbi destaca as características de Vera Giangrande. Ali ela destaca a trajetória pessoal que levou Giangrande a se tornar uma célebre articuladora da profissão de relações públicas no Brasil, tendo se notabilizado pela atividade de *ombudsman* em um grande grupo varejista brasileiro. Além disso, também destaca a trajetória empreendedora de Vera, sócia e criadora de uma das maiores agências de relações públicas do Brasil em seu tempo. Conectando-se ao texto de Gobbi, segue texto da própria Vera Giangrande (“O encantamento de clientes e a interação com os públicos”), especialista na gestão de relacionamentos, o que a tornou a mais conhecida especialista nas questões de interação com os públicos.

Coube ao gaúcho Antonio Hohlfeldt – hoje presidente da INTERCOM – trabalhar a trajetória da também gaúcha Lígia Averbuck no capítulo “A prática que nasceu da teoria”. Com caminho ligado à língua e à literatura, Averbuck em ampla distribuição de sua produção em periódicos e marcou presença no trabalho em prol da evolução, fomento e incentivo à produção literária e à disseminação da leitura.

O texto seguinte é de Averbuck (“A fórmula do sucesso”) e mostra sua ligação direta com a literatura e sua capacidade de fluir e fruir com palavras, resultando composição de fácil e agradável degustação.

Fátima Feliciano no artigo “Ser pragmático, sem perder a ironia” trata da vida e obra de Francisco Morel, discorrendo sobre a produção e atuação desse publicitário que dentre outras coisas foi um dos pioneiros professores da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Morel tinha a conexão direta com o mercado, levando-o à academia, e vice-versa.

O texto “O anúncio da notícia” de Morel demonstra sua época analógica, mas mesmo assim, repleta de inovações, de transformações e acima de tudo de inquietações. Analisa aí as conexões entre texto e imagem, fazendo estudo sobre significação.

Osmar Mendes Júnior em “O repórter que hasteou a bandeira brasileira na Sorbonne” fala da vida do cearense Freitas Nobre desde o seu nascimento, passando pela bem-sucedida carreira acadêmica, profissional e pública. Sua trajetória profissional-intelectual é exatamente destacada desde o título, em que se pode ver a multiplicidade de Nobre.

Freitas Nobre, por sua vez, tem publicado seu texto “A liberdade de informar e o direito à informação”, no qual deixa clara a sua veia pública, democrática e de professor de ética em jornalismo.

À segunda parte do livro cabe exatamente a missão de colocar em destaque as novas gerações e isso se dá por meio, mais uma vez do encontro entre gerações: orientadores e orientados apresentam seus olhares, desta vez, a partir do olhar de uma sociedade marcada pelo digital.

No texto de abertura, Raquel Paiva conecta os trabalhos dos vencedores dos Prêmios Vera Giangrande, Lígia Averbuck, Francisco Morel e Freitas Nobre e a presença de uma nova realidade que ressignifica os conceitos antes consolidados.

O vencedor do Prêmio Vera Giangrande Luiz Felipe Ferreira Stevanim apresenta os textos de que resultou a sua premiação – “Ainda acredito no jornalismo e as charges do profeta: dilemas da liberdade de imprensa na era da globalização” – sucedido pelo texto “Pelo prazer de pensar”, de seu orientador Paulo Robert Figueira Leal.

Ana Laura Moura dos Santos Azevedo traz “Meu interesse pela linguagem audiovisual e Características do cinema narrativo clássico em um jogo de videogame” que lhe renderam o Prêmio Lígia Averbuck. Seu orientador Sérgio Rizzo conecta-se ao tema pelo texto “Geração para a qual não há mundo sem computador”.

“Usar a televisão para ler a história e Coutinho na TV: um cineasta de esquerda fazendo jornalismo” levaram Igor Sacramento a merecer o Prêmio Francisco Morel, orientado por Ana Paula Goulart Ribeiro, autora do artigo “Cineastas de esquerda não encaravam a TV como inimiga”.

No Prêmio Freitas Nobre Geane Carvalho Alzamora, sua vencedora, foi representada pelos textos “Auto-retrato” e “Da semiose midiática à semiose hipermidiática: jornalismo emergentes”. No texto “Gente que faz do mundo acadêmico um prazer de viver”, a orientadora Lúcia Santaella faz resgate da trajetória que levou à importante vitória.

Multiplicações compartilhadas

“Ícones da sociedade midiática” é tributo. E também tradição. Prova a história que José Marques de Melo tem rendido homenagens e feito inesquecíveis aqueles que em vida fizeram por merecer. Isso pode ser comprovado bibliometricamente, em termos de eventos, de certames.

A cultura da valorização do saber e do construir tem feito da INTERCOM um lugar de plena democracia, espaço de encontro de conhecimentos, teorias, conceitos e, acima de tudo, de pessoas. Afinal são elas e para elas que se pode encontrar qualquer motivo para a ciência.

E essa cultura expressa de forma tão brilhante por Marques de Melo e Raquel Paiva na obra aqui descrita é marca expressa e impressa de José Marques de Melo, cuja obra tem contribuído além do saber, do reunir para melhor saber.